



Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Contestando um (falso) conceito

Na Mostra de Teatro do DAD - Departamento de Artes Dramáticas, escola de formação em artes cênicas da Ufrgs, vinculada ao Instituto de Artes, iniciativa que já criou tradição, em 2023, foi apresentado um espetáculo chamado *O espelho quebrado*, que tem circulado pelo Estado e agora voltou à cena do Teatro do Sesc, numa programação especial daquela instituição. O roteiro é de Alexandre Azevedo e de Guadalupe Casal. Ambos se autointitulam educadores, sendo Alexandre o intérprete do espetáculo, de cerca de uma hora de duração, e Guadalupe, a diretora do trabalho. *O espelho quebrado* tem trilha sonora do próprio ator, com figurinos e indumentárias dele mesmo e de Mathews Wathier, cenografia de Reni Gabriel.

O tema é oportuno: a violência institucionalizada contra as mulheres em sociedades essencialmente machistas. Azevedo e Casal optaram, contudo, por uma inversão de ponto de vista, o que é interessante, embora, vez ou outra, ao longo do espetáculo, cause algum estranhamento. É que, muitas vezes, o personagem-narrador parece defender um discurso machista para, logo depois, inverter a situação. Isso, por outro lado, tem a vantagem de chamar a atenção para o absurdo da situação focada: o mais evidente é quase ao final do espetáculo, quando o personagem, chegando à escola de teatro, critica suas colegas atrizes pelas reações durante o ensaio de um espetáculo. Esta primeira atitude, contudo, logo é corrigida e denunciada: o personagem inclusive se reconhece errado, expressa claramente o desafio cotidiano que é se corrigir de tais comportamentos, e assim a peça segue até o final.

O roteiro não é ruim, mas certamente pode ser melhorado, distanciando-se de algumas piadas e jogos de palavras que não ajudam no desenvolvimento do texto. Alexandre Azevedo ainda pode amadurecer enquanto ator, mas evidencia uma dedicação comovente ao trabalho e ao personagem. O que mais funciona no espetáculo é o que parece ser chamado de "indumentária",

pela equipe, combinado com a cenografia: o uso de caixas de papelão, não apenas para marcar e definir os espaços cênicos, quanto para constituir eventuais figurinos ou adereços, como no caso do rei francês. A alternativa criada é profundamente criativa e o ponto alto de todo o espetáculo. Só isso já valeria como justificativa para assisti-lo.

Alexandre está seguro, mas lhe falta maior consistência de interpretação. Por vezes, seu trabalho acaba dificultado pelo próprio texto, uma narrativa rememorativa da vida do personagem que conduz claramente a uma preocupação didática quanto ao tema. É certo que desde Friedrich Schiller, no pré-Romantismo, o teatro tem esta preocupação educativa dos homens em sociedade. Mas é bom lembrar que também os gregos valorizavam esta mesma vocação

*O teatro, como toda arte, primeiro precisa ser ele mesmo para, a partir daí, educar. 'O espelho quebrado' falha nesse aspecto*

para as artes. Paideia, era como designavam a formação abrangente e extensiva do ser humano, para o que colaborava, dentre outras manifestações, o próprio teatro. Mas se lemos ou assistimos a uma tragédia daquela época, vemos que, acima de tudo, existe um enredo em desen-

volvimento, uma narrativa que apresenta ações dramáticas a partir das quais, então sim, chega-se a alguma "lição". No roteiro de Alexandre e Guadalupe, me parece que houve uma ênfase demasiada no aspecto educativo - explicitada em se declararem reiteradamente "educadores", em todo o material promocional do espetáculo. O teatro, como qualquer outra arte, primeiro precisa ser ele mesmo para, a partir daí, educar. Aqui, *O espelho quebrado* fica a desejar.

Última observação: inteligente o título da obra, que aliás unifica todo o trabalho, inclusive a partir da trilha sonora que roda logo na abertura e que fala num "homem íntegro", conceito que, justamente, o texto dramático contesta e denuncia. Em síntese, com falhas, sim; mas excelente iniciativa, a evidenciar que ainda podemos fazer muito para discutir tais questões e que o teatro deve, sim, contribuir com tal debate, desde que não deixe de ser teatro, antes de tudo.



Hélio Nascimento

# Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

## Ambição destruidora

Estreando no longa-metragem com um filme excepcional, *O lobo atrás da porta*, Fernando Coimbra confirma com este *Os enforcados* as qualidades reveladas em 2013. Depois de vários trabalhos para a televisão e uma permanência no exterior, ele volta ao Brasil num momento em que o cinema nacional atravessa uma fase de premiações em festivais internacionais. E volta para enriquecer uma cinematografia por vezes acusada de insistir em filmes fixados em mazelas sociais, sem abordar suas causas, afastando-se assim das raízes de determinados problemas, desprezando, portanto, qualquer forma de um radicalismo destinado a derrubar paredes (como é visto no final do filme em cartaz) e expor as origens de injustiças e distorções. O novo trabalho do cineasta é admirável por muitos motivos, entre eles por valorizar as imagens, sobretudo os cenários, para chegar à essência

do que está sendo narrado. Eis um exemplo de cinema que embora claramente inspirado em duas peças de Shakespeare, *Macbeth* e *Hamlet*, é cinema de verdade, não renegando o teatro e a partir dele dando origem a uma obra cujos elementos visuais superam, mas não anulam, a força da palavra. Se o cinema pode ser visto como uma reunião de todas as artes, o novo filme de Coimbra é uma prova eloquente de que tal definição é tão correta quanto incontestável. E também é inegável que são as imagens que definem tudo o que é registrado nesta obra admirável.

O cineasta, aliás, começou no teatro, vivendo um dos personagens de *Boca de Ouro*, de Nelson Rodrigues, autor cuja influência em *Os enforcados* é também evidente. O diretor vê a exploração de um jogo e os poderosos que o organizam não apenas como um registro documental. Sua experiência no palco parece que lhe deu uma segurança na direção de intérpretes e na criação de personagens, de modo que sua visão de um país às voltas com problemas criados por procedimentos ilegais e com doses poderosas de corrupção é colocada em cena através

de figuras reais, forma de fazer alegorias panfletárias como algo, perfeitamente dispensáveis. É a realidade que importa. É dela que o filme extrai os seus símbolos. Há momentos na narrativa que não é necessário qualquer esforço para que o espectador perceba sobre o que o diretor está falando. Ao falar da ambição, a obra termina revelando o que geralmente é ocultado, não apenas pelo cinema. Na verdade, estamos diante de um filme sobre a agressividade humana, nem sempre contida e, quando liberada, causadora dos maiores desastres.

Quando as primeiras imagens surgem na tela, o que se vê é uma síntese do que será visto a seguir. Regina, esta ambiciosa rainha shakespeariana, investe com fúria sobre uma imagem carnavalesca, destruindo-a e já revelando a grande violência que a habita. Em seguida, fica claro que, para ela e o marido, o prazer só pode ser alcançado por meio de agressão e violência. Uma fantasia que mais tarde dará origem a uma cena em que a realidade interfere. Uma ironia que não apenas neste momento aparece na narrativa. O filme, perfeito em todos os detalhes, se afasta de imagens

televisivas, através de uma fotografia em que sombras predominam. E também na parte sonora a música contribui de forma decisiva para a atmosfera de uma obra destinada a realçar o papel exercido pela agressividade no comportamento humano. E por isso merecem destaque os nomes de Ulisses Malta Jr. e Mário Di. Pói. Exemplo de um cinema voltado para o contemporâneo e para as forças que comandam os indivíduos habitantes de um universo onde a inversão de valores predomina, o segundo longa-metragem de Fernando Coimbra também deixa sem voz os que acusavam o cinema brasileiro de não abordar o tema da corrupção. Não é apenas a competência e a segurança do cineasta que merecem ser realçados. Seu olhar para o cenário atual é marcado por aquela lucidez indispensável para os que pretendem iluminar cenários em que predominam máscaras e disfarces.

*Estamos diante de um filme sobre a agressividade humana, nem sempre contida e, se liberada, causadora de desastres*